V CBEO - Curitiba

V CBEO
Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais

V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

(RE) CONFIGURAÇÃO DAS IDENTIDADES: MULTIPLAS DIMENSÕES DURANTE A EXPATRIAÇÃO

Patricia Asunción Loaiza Calderón (UNIGRANRIO) - patricialc@hotmail.com
Possui Graduação em Relações Industriais e Públicas - UNSA (1994) e Mestrado em Administração pela FGV- RJ (2000). Atualmente é Doutoranda em Administração no Programa de Pós-graduação da UNIGRANRIO, com interesse em interculturalidade e expatriação.

1. Introdução

Historicamente, desde os tempos da Grécia antiga a temática da identidade já era discutida. Basta lembrar a famosa frase do filósofo Sócrates "Conhece-te a ti mesmo" numa clara alusão ao autoconhecimento naquela época. Em sentido amplo, dentro das ciências sociais a temática da identidade sempre foi ameaçada pelo enfoque essencialista que entende identidade como um "atributo natural inamovível" (Arias, 2002, p.98). Entretanto, o enfoque construtivista e relacional, considera às identidades como construções sociais e dialéticas uma vez que, as identidades são passiveis de transformação constante e estão carregadas de "historicidade" (Arias, 2002, p.101). Assumimos que se dá essa transformação em diferentes âmbitos da vida de um ser humano o que tem estimulado que diversos campos do conhecimento humano como a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia Social e a Antropologia tratem da temática da identidade sobre diferentes enfoques conforme, de forma sucinta, apresentam Carriere, Paula e Davel (2008):

> A área da **psicologia social** trata do tema como identidade pessoal, buscando a construção individual do conceito de si. A identidade seria revelada por meio da história de vida particular de cada um em suas relações com os outros (KRAUS, 2000). Por sua vez, a **sociologia** vê a identidade como algo social, baseada na interação e reconhecimento interpessoais (BERGER; LUCKMAN, 1985). Já a **antropologia**, conforme Cavedon (2003), ressalta a existência da identidade cultural de cada povo, que estaria ligada a três fatores principais: histórico, linguístico e psicológico. Assim, agir sobre esses fatores significa modificar a personalidade cultural, seja coletiva ou individual, e até provocar uma crise de identidade. (CARRIERE, PAULA e DAVEL, 2008, p. 128)

Dada a complexidade do tema, precisa-se de um olhar multidisciplinar que desentranhe as sutilezas que permeiam questões fundamentais como: Quem sou eu? Quem somos nós? e as possíveis tensões que gerem as respostas a esses questionamentos. Assim, a confluência teórica de distintos âmbitos das ciências sociais pode ser fonte de compreensão de um fenômeno que se revela não apenas interessante como atual e pertinente.

Falar de identidade é também falar de estranhamento. Apesar de que a experiência do estranhamento inscrever-se no contexto das migrações, dos intercâmbios comerciais[1],

[1] No capitulo 4 de livro Perdas e Ganhos, Peter Burke escreve que: "Nos séculos XVII e XVIII, muitos **expatriados** [grifo meu], trabalharam como agentes de companhias comerciais. Mercadores Ingleses formaram a Levant Company (1592) a East India Company [Companhia das índias orientais] (1600), enquanto os holandeses fundaram a Vereenigte Ost-Indische Compagnie, VOC [Companhia Unida das Índias Orientais], em 1602, e a West-Indische Companie, WIC [Companhia das Índias Ocidentais], em 1621." (BURKE, 2017 p. 117)

das guerras de conquistas e do contato entre civilizações durante as missões religiosas e de exploração, no âmbito das ciências sociais e humanidades, os debates conceituais relacionados à diferença, ao **estrangeiro** [grifo meu] e ao "Outro" adquirem relevância somente nas décadas dos 70 e 80 do século vinte (RAMOS, 2012) quando a categoria "Alteridade" instaura um campo de analises multifacetado que consolida o argumento de que "a identidade social define-se e afirma-se na diferença", segundo Bourdieu (2007 p. 164). Em outras palavras, a identidade depende da diferença. Como construção social, as identidades são determinadas por comparação e sobretudo por oposição entre dois grupos opostos "nós-eles; eu/outro" (SILVA, 2014, p.40)

Souza (2008) define o estrangeiro assim:

> O estrangeiro, diz o senso comum, é o outro, Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar. O estrangeiro é o outro do familiar, o estranho; o outro do conhecido, o desconhecido; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte. (SOUZA, 2008, p. 155)

Simmel (2005) por sua vez, considera que em toda a história da economia os estrangeiros estão em todo lugar "como comerciantes ou os comerciantes como estrangeiros" (SIMMEL, 2005, p. 266). Nesse sentido, ainda, segundo o autor, o estrangeiro é um sujeito "móvel" que "surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais" (SIMMEL, 2005, p. 267). Para o referido autor, o estranho, sempre é considerado como "alguém de fora, como uma não membro do grupo [...] os contatos com ele, são ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana se encontra" (SIMMEL, 2005. p.271). Esse sujeito desmembrado da sua cultura de origem, é "levado a ocupar [...] o lugar do Outro, ou seja, o lugar onde ele deve renunciar, recalcar as expressões de seu desejo e, para se fazer aceitar, agradar, seduzir" (MELMAN, 1992, p. 9). O que implica necessariamente um esforço emocional considerável.

A questão da identidade se apresenta no centro de debates das ciências sociais na contemporaneidade (BAUMANN, 2005; HALL, 2006), principalmente atrelado à cultura, no entanto, ambos os termos, segundo Arias (2002) são polissêmicos, porém, complementares. Para o referido autor, a identidade é uma construção discursiva alicerçada na cultura:

> quando falamos de nossa identidade, quando dizemos "eu sou" ou "nós somos", estamos construindo um discurso; no entanto esse discurso que mostra a minha pertença e ao mesmo tempo minha diferença, somente pode-se sustentar sob algo concreto: a cultura, que é uma construção especificamente humana que se expressa a través de todos esses universos simbólicos e de sentidos socialmente compartilhados que tem permitido a uma sociedade chegar a "ser" tudo o que se tem construído como povo e sob o qual se constrói um referente discursivo de pertença e de diferença: a identidade. (ARIAS, 2002, p. 103)

Pelo exposto na citação anterior desprende-se que o que distingue as pessoas e aos grupos de outras pessoas e de outros grupos é a cultura compartilhada, logo, ela é "fonte da identidade" (GIMÉNEZ, 2009, p. 11) e entre ambos os termos, cultura e identidade, existe uma relação "simbiótica" uma inter-relação e indissociabilidade em sociologia e antropologia. (GIMÉNEZ, 2009; BRAH, 2011).

A identidade que apresenta caráter multidimensional, dinâmico e fluido (CUCHE, 1999), que remete, segundo Carvalho (2010) à reflexão e a subjetividade, termo que:

> Envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre "quem nós somos". A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. [...] os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem eles próprios assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. (WOODWARD, 2014, p.56)

Assim, um ponto fundamental para desvelar a(s) identidades(s) é necessário compreender também a subjetividade das pessoas. Constata-se que a Identidade "diversa", "pluritópica", "multívoca", "polissêmica", "itinerante" e "flutuante" (ARIAS, 2002) é considerada como uma construção social (SALLUN, SCHWARCZ e CATANI, 2016) que se reconstrói "constantemente no interior das trocas sociais" (CUCHE, 1999, p. 183).

Para Arias (2002) a construção da identidade tanto individual quanto coletiva é:

> Um ato de seleção de elementos referenciais o de rasgos diacríticos [...] os quais são fatores muito importantes para dirimir a confrontação das nossas diferenças com os outros. São os fatores diferenciadores os que mostram a nossa pertença e diferença, os que nos fazem ser parte de um grupo e por tanto, ser diferente de outro. [...] os traços diacríticos encontram-se no sistema das representações simbólicas que estão na memória coletiva e que são a parte mais vital do horizonte cultural dos povos. Na memória estão os sistemas de crenças, os imaginários, os valores, as cosmovisões, os mitos, que são elementos

> referenciais do passado e do pressente, que orientam a formação da sua identidade. (ARIAS, 2002, p. 104)

Por tanto, se admitimos a identidade como construção social, cabe uma única questão pertinente: "como, por que e por quem é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?" (CUCHE, 2006, p. 202). Pode-se afirmar que as identidades, são "historicamente produzidas e transformadas" (SEGATO, 2010) a partir da ideia da raça como "uma construção ideológica mental moderna e instrumento de dominação social, iniciado há mais de 500 anos e que se mantem intocado até o presente e que não tem nada a ver com estruturas biológicas" (WALSH, 2010, p.3) e sim, como aponta Besserer (2016) no enfrentamento de formas hegemônicas e subalternas de identificação. Em efeito, para Arias (2002, p. 116) a identidade, a diversidade e a diferença são "instrumentos insurgentes" que contribuem para enfrentar o colonialismo cultural de projetos globalizantes homogeneneizantes "frente aos quais a nossa única esperança é saber que somos *distintos*, que possuímos culturas *diversas* e identidades *próprias* e diferenciadas" (Arias, 2002, p.116). Isto está de acordo com a afirmação de Góngora-Mera sobre a identidade como um "campo de contestação geopolítico de alcance global" (GÓNGORA-MERA, 2014, p. 41)

2. A polissemia da identidade

Convêm apontar que o interesse contemporâneo pela identidade, no âmbito dos estudos organizacionais, deve-se em grande medida ao enfraquecimento das solidariedades sociais e ao surgimento acelerado do processo de individualização presente na gestão neoliberal das empresas, onde, a "maior autonomia das equipes ou indivíduos, a polivalência, a mobilidade [...] traduzem-se por um enfraquecimento e uma instabilidade dos coletivos de trabalho" (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 227) o que gera especial atenção pelo "pessoal, o íntimo, o subjetivo, o interesse pelo multicultural e o diferente e, certamente, o interesse pela identidade pessoal" (GIMÉNEZ, 2010, p.1). Identidade, que em contextos organizacionais estão sempre em movimento e se tratada como metáfora de luta e trabalho (SVENINGSSON e ALVESSON, 2003) oferecem uma abordagem alternativa para a compreensão do processo de transformação identitária.

Se ao falar de identidade, estamos nos referido à diferença, também é preciso dizer que "as identidades constituem sítios de resistência e empoderamento." (RESTREPO, 2007, p.27) e que na articulação das identidades, não são somente exercícios de

dominação e submissão os que se põem em jogo. (RESTREPO, 2007). Para desentranhar esses processos, no entanto, é preciso apontar que o termo identidade apresenta na literatura, uma variedade de definições, conforme apresentadas na figura 1, e que, como acertadamente propõe Brah (2011, p. 44) "é um enigma que, pela sua própria natureza, rejeita uma definição concreta", no entanto é preciso explanar alguma delas, dada a sua polissemia e levando em consideração a premissa de que a identidade não é fixa nem única e sim, uma variedade de relações em constante transformação (BRAH, 2011).

Quadro 1. A polissemia da Identidade

	Alguns tipos de identidade	**Definição**	
Dimensões: individual e coletiva	Identidade pessoal ou individual	Considerada a construção do autoconceito ao longo da vida de um indivíduo, por meio de diversos relacionamentos sociais em diversas esferas, levando à conformação do *eu* em direção ao processo de individuação.	Pimentel e Carrieri (2011)
	Identidade social	Entendida a partir da formação do autoconceito pela vinculação a grupos sociais, por meio da interação com esses diversos grupos.	Pimentel e Carrieri (2011)
	Identidade *no* trabalho	Refere-se à construção do *eu* pela atividade que realiza e pelas pessoas com as quais se tem contato, mediante a interação com a atividade e com as pessoas no trabalho.	Pimentel e Carrieri (2011)
	Identidade organizacional	Corresponde à construção do conceito de identidade do grupo social, como se fosse uma entidade autônoma, um "sujeito", que vincula e subordina os demais sujeitos participantes do grupo a essa identidade, fazendo-os aceita-la (pelo menos implícita e tacitamente), ao vincularem-se à organização onde trabalham.	Pimentel e Carrieri (2011)
	Identidade étnica	É uma especificação da identidade social baseado na auto percepção subjetiva que tem de si mesmos os atores chamados "grupos étnicos".	Gimenez (1995)
	Identidade Nacional/Nacional plural.	A ideia da identidade nacional construída pelo poder é uma falácia; **Deve-se** falar de identidades diversas, múltiples y diferenciadas, que se encuentran, dialogan, negocian y se confrontan ao interior de una nación plural.	(Arias, 2002)
	Identidade política	Define-se em termos de afiliação ou pertença a determinados coletivos políticos com graus de intensidade que variam desde a simples simpatia até a participação militante.	(Gimenez, 2007)
	Identidade Religiosa	Elemento de auto reconhecimento individual e coletivo que reafirma um valor e sentido de pertença com base em certo tipo de símbolos, crenças e de contato com o sagrado	Ibañez (2014)

Fonte: Elaborado a partir de de (Gimenez, 1995;1997); Arias, 2002; Pimentel e Carriere (2011)

Segundo (Gimenez, 2010) a identidade tem relação com a representação que temos de nós mesmos em relação aos outros e define à identidade individual da seguinte maneira:

Identidade individual: "Processo subjetivo pelo qual os sujeitos definem a sua diferença de outros sujeitos mediante a auto-asignação de um repertório de atributos culturais frequentemente valorizados e relativamente estáveis no tempo" (GIMENEZ, 2010, p.2). Esta definição, segundo o autor, implica dois atributos distintivos: i) atributos de associação social e ii) atributos particularizantes. Em relação ao primeiro, a identidade do indivíduo se define pelas categorias ou grupos de associação que podem ser, por exemplo, classe social, etnia, coletividades territorializadas, grupos de idade, gênero. Em relação ao segundo atributo, as pessoas se distinguem das outras por: 1) atributos caracterológicos; 2) por seu estilo de vida refletido nos seus hábitos de consumo; 3) pela sua rede pessoal de relações íntimas. 4) pelo conjunto de "objetos entranháveis que possuem; e 5) pela sua biografia pessoal. Em relação a este último aspecto, desde uma perspectiva mais profunda, "o que mais nos particulariza e distingue é nossa biografia impermutável relatada em forma de ´história de vida´´" (GIMENEZ, 2009, p. 16)

Arias (2010, p.110) por sua vez, expõe que a identidade coletiva se constrói numa dialética relacional, contrastiva entre a inclusão e a exclusão do diferente, entre o próprio e o alheio. E define às identidades sociais da seguinte forma:

Identidades Sociais: "são o resultado da identificação de uma pluralidade e diversidade de indivíduos com um coletivo social que os unifica através da mediação de distintos símbolos e rituais que ao serem compartilhados geram um forte sentido de pertencimento" (ARIAS, 2010, p. 110). Em outras palavras, o processo de formação das identidades sociais está mediado por forças históricas e sociais e os seus respectivos atores coletivos (GIMENEZ, 2007).

Retomando a proposição de que a cultura é a fonte da identidade, deve-se mencionar que ambas estão imbrincadas como uma teia, como se observa na figura 1, na qual contradições e disposições do entorno sociocultural exercem impacto profundo sobre o processo identitário. Para Gimenez, "as identidades somente podem se formar a partir das diferentes culturas e subculturas às que se pertence ou nas quais se participa" (Gimenez, 2007, p. 55).

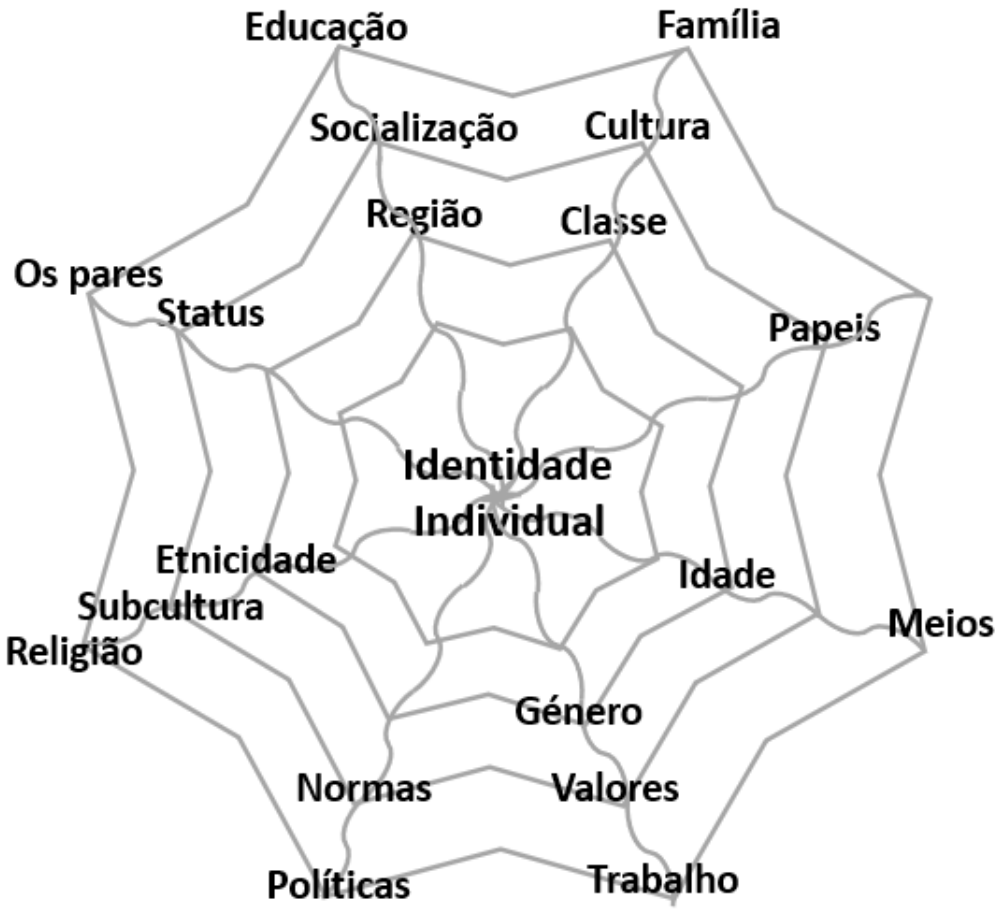

Figura 1. A Rede Conceitual da identidade
Fonte: Gimenez (2007, p. 55)

Em efeito, a cultura é omnipresente e é uma dimensão que envolve toda a vida social de forma transversal (GIMENEZ, 2009). Ainda para o referido autor, a identidade "tem a sua fonte na cultura e a memória-elemento fundamental da cultura, enquanto representação socialmente compartilhada de um passado, constitui, por sua vez, o principal nutriente da identidade" (GIMENEZ, 2009, p.8). A persistência da memória social, segundo o autor, pode ser observada entre os emigrados e expatriados que conservam certos hábitos culturais do seu lugar de origem (culinária, vestimenta, ritos religiosos), em especial comemorações que são "ritos de reativação da memória" (GIMENEZ, 2009, p.28). Ainda considerando que o território é a base dos "marcos sociais da memória", Gimenez (2009) cita a obra do geografo brasileiro Rogerio Haesbaert (2004) O Mito da Desterritorialização, para salientar que a mobilidade humana por diferentes territórios não significa necessariamente a desterritorialização, e sim a

junção de novas dimensões territoriais que se superpõem à territorialidade de origem "sem cancela-la ou suprimi-la" (GIMENEZ, 2009, p. 28) de maneira que,

> Um mesmo sujeito pode vincular-se subjetivamente de muitas maneiras com muitos territórios ao mesmo tempo. Pode-se abandonar fisicamente um território sem perder a referência simbólica e subjetiva ao mesmo através da comunicação a distância, da memória, da lembrança e da nostalgia. E quando atravessamos fronteiras internacionais frequentemente levamos "a pátria adentro", como uma conhecida música popular argentina diz. (GIMENEZ, 2009, p. 29)

Podemos afirmar que falar de identidade é falar de um conceito multidimensional e interdisciplinar que abrange vários níveis conforme apresentei no quadro 2, e que cada tipo de identidade tem as suas particularidades – que, inclusive, podem entrar em contradições e discrepâncias quando há prevalência de uma delas em detrimento de outras, em especial nos tempos atuais em que determinados papeis que exercemos interferem com as exigências de outros (Woodward, 2014).

Assim, por exemplo, pode-se vivenciar conflitos entre a nossa identidade como mãe ou pai e a nossa identidade como profissional, especialmente quando a lógica do mercado impõe violentamente exigências baseados num modelo de gestão que "induz à mobilização total do indivíduo ao serviço da organização, o que acaba por canalizar a energia física, afetiva e psíquica de seus colaboradores. A organização se torna então, o local de todas as superações, da identificação e de todas as projeções individuais" (FARIA e SCHMITT, 2007, p.26). Dito isto, não é raro, conforme observado por Spanger (2012) em pesquisa com executivos expatriados, que a identidade "está construída fortemente sobre os alicerces do trabalho e amalgamada aos interesses das ETN´s" (Spanger, 2012, p. 253)

3. Identidade atrelada ao processo de expatriação

Embora não seja propósito deste ensaio discutir as origens do termo expatriação, e/ou discorrer sobre as múltiplas definições do termo, é oportuno indicar que:

> A expatriação define um regime de desempenho de trabalho global específico, localizável nos domínios organizacionais contemporâneos [...] Trata-se de uma modalidade de trabalho cuja prestação implica, numa maioria de circunstâncias, mobilidade (física) dos indivíduos através de países, de fronteiras geográficas. Trata-se, em rigor, de uma realidade heteróclita, multidimensional, que se expressa por via de uma multiplicidade crescente de fenómenos sociais e organizacionais. (COELHO, 2017, p. 1977)

Estudos brasileiros envolvendo a temática da identidade em estudos organizacionais e relacionados ao processo de expatriação são ainda escassos, percebe-se uma lacuna que precisa ser preenchida de maneira mais consistente com estudos teóricos e empíricos sobre o tema. No entanto, existem importantes contribuições entre quais podemos citar Machado e Hernandes (2004) que apontam, a partir de estudos de caso, a *alteridade* como elemento constitutivo da identidade assim como a redefinição das identidades individuas e sociais das pessoas em situações de expatriação.

Gonzales e Oliveira (2011) apresentam estudo empírico corroborando a ocorrência de transformações, como consequência da expatriação; Spanger e Carvalho (2010) aprofundam questões sobre a identidade individual e sobre aspectos que envolvem à família desde uma perspectiva menos prescritiva; Carriere, Paula e Davel (2008) exploram várias teorias epistemológicas no intuito de sugerir várias possibilidades de pesquisa sobre identidade nas organizações através do "prisma da multiplicidade, da fluidez e da autonomia" apontando a necessidade de pesquisar o tema com diversas abordagens, diversos níveis de análise e confluência de campos teóricos. Pimentel e Carrieri (2011) introduzem a dimensão espacial nos estudos sobre identidade no processo organizativo e instam o desenvolvimento teóricos e empírico nessa área.

Deduz-se que o pouco interesse brasileiro sobre o tema pode ser atribuído à dominância de uma literatura *mainstream* na área de Gestão Internacional de Recursos Humanos (GIRH) que privilegia aspectos funcionais e prescritivos do processo de expatriação, deixando de lado aspectos essencialmente humanos, tais como as (re)configurações identitárias vivenciadas pelos expatriados decorrentes da designação internacional e os problemas de adaptação intercultural. (MACHADO, 2003; MACHADO e HERNANDES, 2004; FREITAS, 2010; JOLY, 2012; GONZALES e OLIVEIRA, 2011; SPANGER, 2012). Na literatura internacional, Keenoy (2009) enfatiza que a área de Recursos Humano, emerge como discurso global com estreitos vínculos ao projeto neoliberal e à expansão do capitalismo corporativo, de tal forma que "muita análises econômica convencional, tornou-se subserviente à busca de soluções prescritivas" (KEENOY, 2009, p.6) Em outras palavras, aspectos do "humano" foram negligenciados no discurso hegemónico da GRH e em relação à GIRH, Peltonen (2006) questiona o fato de que as pesquisas sobre expatriados tratam eles como meros recursos

estratégicos e gestores globais, desconsiderando os problemas de adaptação cultural e descontinuidade na carreira.

Em relação a este ultimo aspecto, Coelho (2017) entende que a expatriação é um momento de desencontro, descontinuidade e disrupção na trajetória pessoal e sócio profissional. No que que diz respeito ao retorno do expatriado, o referido autor considera que se trata de "uma experiência marcada, no essencial, pela dificuldade, pelo desapontamento, pela frustração de expectativas e pela impossibilidade de fazer fertilizar os frutos de uma experiência percebida pelos indivíduos como singular" (COELHO, 2017, p. 1989)

Pelo exposto, torna-se evidente que um dos maiores desafios também, para o expatriado, é a adaptação a outras culturas, e a sua própria -no retorno- inclusive, considerando os diversos papeis que este assume e que podem sofrer alterações segundo as diferenças culturais sutis ou fortes na cultura onde ele se encontra. Assim, conforme destaca Hall (1997) apesar do senso comum nos fazer ver como sendo as mesmas pessoas "somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papeis sociais que estamos exercendo" (HALL, 1997, p.31) o que certamente, traz implicações para a(s) identidade(s), as quais se re (configuram) mesmo sem perceber, assim, a sensação de "perda da identidade original" e as dificuldades de reintegração são aspectos frequentes nos processos de expatriação.

Para uma compreensão mais detalhada das pesquisas que tratam o binômio identidade-expatriação, no contexto brasileiro, veja o quadro 3 com os principais resultados apontados pelos autores pesquisados.

Conforme pode ser apreciado, a expatriação estimula o autoconhecimento tanto individual quanto da própria cultura de origem, favorecendo comparações tanto de aspectos positivos quanto negativos e na medida em que eles se adaptam à nova cultura, há uma reformulação de quem se é a partir do convívio com outro, isto é na alteridade.

Por outro lado, há também conflitos que envolvem não somente ao expatriado, como também à família dele, o cônjuge, por exemplo, para poder acompanha-lo (la) na sua missão internacional, abre mão de carreira, sofre algum tipo de adoecimento físico ou mental, entre outros que levam a sacrifícios em prol da missão "bem-sucedida" do expatriado. Isto significa que o trabalho é uma categoria central na identidade do expatriado, de tal forma que a identidade professional é dominante na construção do "eu", no entanto, ele próprio continua a ser considerado como um recurso dentro da organização, aspectos familiares e "humanos" são de inteira responsabilidade do

expatriado, a empresa se exime de qualquer responsabilidade nesse sentido e, conforme aponta Coelho (2017) há dificuldade por parte das empresas, em "identificar uma resposta inteiramente adequada, isenta de tensão, paradoxo ou frisão [...] aos problemas que emergem neste domínio, no quotidiano" (COELHO, 2017, p. 1979) é essa omissão que precisamente destaco como uma lacuna a ser preenchida por novas pesquisas empíricas.

Quadro 3. Pesquisas sobre expatriação e identidade

Pesquisa	Principais resultados
Alteridade, Expatriação e Trabalho: Implicações para a Gestão Organizacional Machado e Hernandes (2004)	Verificou-se que a procura de uma relação com o outro, que caracteriza o fenômeno da alteridade, impregna todo o processo de expatriação. Para os casos que formularam uma representação do outro, a impressão é que eles avançaram na reconstrução de suas identidades, integrando-se com a cultura local; O conhecimento de outra realidade cultural faz com que o indivíduo adquira parâmetros para analisar a sua cultura, propiciando-lhe avaliar aspectos positivos e negativos, os quais ele deseja incorporar ou rejeitar; Entretanto, se novas identificações e diferenciações se constroem e, com elas, nova identidade, há também uma sensação de "perda da identidade original". Além disso, a reintegração social ao grupo de origem torna-se novamente complexa. Ao reconstruir uma nova identidade, o repatriado altera a visão original que tinha sobre si A experiência intercultural desses indivíduos mostrou que a visão de si é reformulada, quando o indivíduo consegue integrar-se na nova cultura, obtendo aí cooperação e reconhecimento. Entretanto, quando o indivíduo vivencia conflitos, não reconhecimento e pouca ou nenhuma socialização com o outro, parece que a reconstrução de uma nova identidade não ocorre.
(Re) construindo identidades na mobilidade: a experiência de expatriação de executiv@s internacionais Spanger e Carvalho (2010)	Identificou-se que a identidade da mulher do expatriado e dos filhos pode sofrer, pelas inúmeras renúncias que tem de fazer a favor da carreira do marido; As redes sociais de apoio são de uma importância capital para as mulheres pois é ali que elas podem desabafar, buscar ajuda, praticar a solidariedade e se consolar mutuamente. Identificou-se que nem só de festas e glamour vivem os expatriados no exterior. [...] é uma experiência que pode tanto fortalecer quanto fragilizar os laços de família, .

	Constatou-se a transformação identitária como um processo de aprendizado sobre dimensões desconhecidas do próprio eu; Evidenciou-se que um intenso choque cultural e uma profunda mudança de personalidade podem conviver com o ajuste funcional ao novo entorno; Identificou-se forte sobrevivência de laços emocionais com a cultura de origem mesmo anos depois de tê-la deixado e de ter aparentemente se adaptado – pelo menos no plano operacional – ao país de destino; Identificou-se conflito entre identidade cultural e familiar; Identificou-se a influência da distância sobre o entendimento da própria cultura
Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. Gonzales e Oliveira (2011)	As esposas de expatriados são fortemente marcadas na expatriação, tanto positiva quanto negativamente, podendo em alguns casos redundar em separações, outras em doenças físicas ou emocionais; Os executivos homens geralmente constroem suas identidades muito em função do trabalho e parecem não sofrer tanto com o choque cultural, quanto suas espoas e filhos, pois estão muito envolvidos com o trabalho da empresa. Ao contar com a resignação dos cônjuges dos executivos – em sua maioria mulheres – para garantir a adaptação de seus profissionais no exterior, as empresas estão de certa forma, transferindo para as mulheres e para as famílias os encargos emocionais desta adaptação; As ETN´s acabam contribuindo para o acirramento da segregação étnica e social dos expatriados, que não vivenciam uma integração social e cultural no exterior em sua plenitude, como poderiam.
Glamour e sombras na expatriação de executivos e executivas globais: intercorrências no trabalho e na família. Spanger (2012)	Para os expatriados, o trabalho ocupa uma centralidade expressiva [...] Sua identidade está construída fortemente sobre os alicerces do trabalho e amalgamada aos interesses das ETN´s; A mobilidade internacional dos/as executivos/as condicionou o destino das famílias, e apresentou alterações significativas na identidade dos sujeitos envolvidos. Assim sendo, não pode ser vista ou entendida separadamente do âmbito familiar; Os/As executivos/as globais são vistos/as pelas empresas apenas como mais um "recurso" a seu serviço e não como pessoas em sua complexidade e individualidade; O trabalho no país estrangeiro [...] é marcado também por desigualdades de gênero; A realização pessoal e profissional dos cônjuges ativos, negligenciada atualmente pelas empresas, é um fator importante no processo de construção da identidade destas pessoas e que tem sido prejudicado na expatriação, quando o cônjuge se vê impelido a interromper a sua carreira para favorecer a carreira do esposo.

Estudos brasileiros envolvendo a temática da identidade e expatriação
Fonte: Elaborado a partir de Machado e Hernandes (2004); Spanger e Carvalho (2010); Gonzales e Oliveira (2011); Spanger (2012)

Em resumo, e a partir do enunciado anteriormente, cientes de que os estudos de expatriação atrelados à identidade são escassos, principalmente no contexto brasileiro (GONZALES e OLIVEIRA, 2011) ainda permanecem em aberto uma série de questionamentos, como por exemplo, o que é identidade para um expatriado? Como se relaciona com a vivência no exterior, de que identidade posso falar? E ao mesmo tempo como se dá esse processo de transformação no expatriado? Que tipos de identidade são

atingidos e em que medida? Até que ponto é possível dimensionar o sofrimento no processo de transformação identitária? De que forma se evidenciam as questões de poder no processo de expatriação e qual é a relação disso com a identidade? Enfim, não é objetivo de esta pesquisa dar por terminado os questionamentos, pelo contrário, emergem cada vez mais incitações sobre uma temática que deve ser tratada de forma multidisciplinar e que é relevante para a área de Administração e que peca pelo seu caráter prescritivo, parafraseando Chanlat (2012) se esquece da dimensão humana na expatriação.

4. Considerações finais

A temática da identidade é complexa, revela-se polissêmica e em constantes contradições, assusta e por outro lado, fascina, uma vez que se revelam questões de poder atrelados à construção identitária. No âmbito organizacional, especificamente ao processo de expatriação, as pesquisas são insuficientes visto a dominância da literatura *mainstream* de caráter funcionalista e prescritivo. No entanto as iniciativas embrionárias são um estimulo para a continuidade de pesquisas sobre o assunto.

Como sugestão para futuras pesquisas, apontamos a necessidade de pesquisas qualitativas com expatriados *in loco*, para que a observação contextualizada do pesquisador permita obter riqueza de detalhes da vivência numa cultura diferente, que lhe permita compreender a complexa transformação identitária dos expatriados de modo que capte a "densidade" dessas transformações numa combinação de análises de discurso e etnografia. Assim como propor outras trilhas metodológicas alternativas para as pesquisas sobre identidade.

Provavelmente os questionamentos acerca da identidade continuaram presentes uma vez que o ser humano é um ser em aberto em continua construção, consequentemente, torna-se importante pesquisar a questão relacional da identidade mais humanamente, vale investigar o peso da expatriação e transformação identitária, na autoestima dos profissionais envolvidos, seus possíveis impactos sobre o clima familiar, sobre a sua carreira, sobre os seus valores e sua visão de mundo que muda com cada viagem ao exterior e que carrega a sua condição de estrangeiro quase que de forma itinerante.

Os resultados apontam que existe um vasto potencial de pesquisa teórico-empírica sobre o tema, inclusive sobre os impactos da expatriação nos vários tipos de identidades apontados pela literatura.

Referencias

ARIAS, Patricio Guerrero. **La cultura: estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia**. Editorial Abya Yala, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Zahar, 2005.

BESSERER, Federico. **Identidade Nacional, Identificação e Corpo**. In Brasilio Sallum Jr. et al. (eds.), Identidades. São Paulo, Editora da USP, 101-124, 2016

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión**. Traficantes de sueños, 2011.

BURKE, Peter. **Perdas e ganhos: Exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000**. SciELO-Editora UNESP, 2017.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; PAULA, Ana Paula Paes de; DAVEL, Eduardo. Identidade nas Organizações: múltipla? fluida? autônoma?. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 45, p. 127-144, 2008.

CHANLAT, Jean-François et al. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. In: **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 1996.

COELHO, João Vasco. Estar dentro, estando fora: Da expatriação como quadro de acção disjuntivo. **Gestão e Sociedade**, [S.l.], v. 11, n. 30, p. 1976-1999, ago. 2017

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: **Edusc**, 1999.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Boitempo Editorial, 2017.

GIMÉNEZ, Gilberto. Modernización, cultura e identidad social. **Espiral,** v. 1, n. 2, 1995.

GIMÉNEZ, Gilberto. **Estudios sobre la cultura y las identidades sociales**. CONACULTA-ITESO, 2007

GIMÉNEZ, Gilberto. Cultura, identidad y memoria. **Revista Frontera Norte**, v. 21, n. 41, 2009.

GIMÉNEZ, Gilberto. Cultura, identidad y procesos de individualización. **México: Universidad Autónoma de México**, 2010.

GÓNGORA MERA, Manuel Eduardo. Geopolíticas de la identidad: la difusión de acciones afirmativas en los Andes. **Universitas humanística**, n. 77, 2014.

GONZALEZ, Juan Miguel Rosa; OLIVEIRA, José Arimatés de. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 9, n. 4, p. 1122-1135, Dec. 2011

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Bras, 2004

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. **Rio de Janeiro: DP&A**, 2006.

JOLY, A. Alteridade: ser executivo no exterior. In: Chanlat, J. F. (Coord.) **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 3. ed., v. 1, pp. 83-124. São Paulo: Atlas, 2012

KEENOY, T. Human Resources Management, Cp.22 in Alvesso, M. Bridgman, T, e Willmott, H (edt), **The Oxford Handbook of Critical Management Studies**, Oxford: Oxford University Press, 2009.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. SPE, p. 51-73, 2003.

MACHADO, Hilka Vier; HERNANDES, Cláudio Aurélio. Alteridade, expatriação e trabalho: implicações para a gestão organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 3, p. 53-73, 2004.

MELMAN, Charles. **Imigrantes. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país: com uma conversa con Contardo Calligaris**. Escuta, 1992.

PELTONEN, T. Critical theoretical perspectives on International Human Resources Management. In: BJORKMAN, I.; STAHL, G. (Ed.). **Handbook of Research in international human resource management**. Cheltenham: Edward Elgar, 2006. p. 532–545.

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARRIERI, A. de P. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE. Br**, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2011.

RESTEPO, Eduardo. Identidades: planteamientos teóricos y sugerencias metodológicas para su estudio. **Jangwa Pana**, v. 5, n. 1, p. 24, 2006

SALLUM JÚNIOR, Brasílio João; SCHWARCZ, Lilia Moritz; VIDAL, Diana Gonçalves; CATANI, Afrânio Mendes. **Identidades**. São Paulo: Edusp, 2016

SOUZA, Neusa Santos. O estrangeiro: nossa condição. **O estrangeiro. São Paulo: Escuta**, p. 155-163, 1998.

SPANGER, M. A. F. C. Glamour e sombras na expatriação de executivos e executivas globais: intercorrências no trabalho e na família. (**Tese de Doutorado em Tecnologia**) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2012

SPANGER, Maria Aparecida Fleury Costa; CARVALHO, Marília Gomes de. (Re) Construindo identidades na mobilidade: a experiência de expatriação de executiv@s internacionais. In: **FAZENDO GÊNERO**, 9., São Paulo 2010.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE,** v.4, n. 12, 2005

SVENINGSSON, Stefan; ALVESSON, Mats. Managing managerial identities: Organizational fragmentation, discourse and identity struggle. **Human relations**, v. 56, n. 10, p. 1163-1193, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes**, p. 7-72, 2000.